

## O CAMINHO TORTUOSO DA CONSCIÊNCIA DE ZENO

Marzia Terenzi Vicentini  
Universidade Federal do Paraná

*E por que pensar em curar a nossa doença? Devemos realmente subtrair à humanidade o que ela tem de melhor?*

Italo Svevo a Valerio Jahier  
27 de dezembro de 1927

A diferença dos romances anteriores, que se constituíam com uma pretensão de totalidade dramática, abarcando o arco de uma vida o primeiro, que leva justamente o título *Uma Vida* (1892), e o momento crucial de um abalo existencial o segundo, *Senilidade* (1898), em seu último romance, *A Consciência de Zeno* (1923), Svevo parece abandonar as formas tradicionais da narração. O objeto da narração não é mais uma fase da vida contínua e organicamente representada, mas são núcleos narrativos descontínuos que correspondem à necessidade de análise da personagem, não possuindo portanto a rígida coerência espaço-temporal das formas narrativas anteriores. Os vários capítulos que compõem o romance (“O fumo”, “A morte de meu pai”, “A história do meu casamento”, “A mulher e a amante”, “História de uma sociedade comercial”, “Psicanálise”), muito embora cheguem a dar consistência psicológica e histórica à personagem em todas as suas relações, não respeitam rigidamente uma ordem temporal, mas se desenrolam como

-- 18 --

momentos da análise dos vários aspectos que caracterizam a vida de Zeno.

O tempo que transcurre entre um e outro núcleo não é um tempo linear, porque em cada capítulo os tempos se entrecruzam, segundo a necessidade de reconhecimento de sua própria vida que o protagonista pretende realizar. Esta nova organização temporal do romance reflete uma diferente constituição da personagem, que não cresce nem muda substancialmente ao longo de sua vida, de forma que a reconhecimento é mais a reconfirmação de uma identidade perseguida sob vários aspectos do que propriamente a percepção de eventuais mudanças ocorridas. O descompasso temporal relevante que se quer instituir não reside mais nas alterações produzidas pelos acontecimentos, como ainda ocorria nos romances anteriores, mas está completamente reduzido à diferença de “grau de consciência” entre Zeno velho que relata e Zeno jovem que é objeto da análise.

Sendo *A Consciência de Zeno* o relato da personagem que se analisa para um tratamento psicanalítico, ao ato de escrever é confiada a tarefa de reconhecer a doença como condição para recuperar a saúde: “Escreva! Escreva! O que acontecerá, então, é que você vai se ver por inteiro”, lhe aconselhou o médico.

A “doença” é a substância desta personagem, que toma forma exatamente na tensão por ela vivida entre doença e saúde, nos eternos e sempre renováveis propósitos de encontrar a saúde. Mas de que doença se trata? No primeiro capítulo, dedicado ao vício de fumar, encontramos seus primeiros sintomas: a escolha das datas que anunciam, pela combinação de seus números, a possibilidade de exercer influências cabalísticas sobre a vontade de Zeno, já revela a fraqueza desta última. Com efeito, Svevo trata não do vício de fumar, mas do vício do “eterno propósito”. E vejamos como isso se organiza na narração:

Na folha de rosto de um dicionário encontro um registro meu feito com bela caligrafia e alguns ornamentos: ‘Hoje, 2 de fevereiro de 1886, deixo de estudar leis para me dedicar à química. Último cigarro!’

-- 19 --

Tratava-se de um ‘último cigarro’ muito importante. Recordo todas as esperanças que o acompanharam. Havia perdido o gosto pelo direito canônico, que é a própria vida, se bem que reduzida a uma retorta.

Aquele último cigarro representava o próprio anseio de atividade (também manual) e de meditação sóbria, serena e sólida.

Para fugir das cadeias de combinações do carbono, em que não acreditava, resolvi voltar ao direito. Muito pior! Foi um erro igualmente registrado com um último cigarro, cuja data encontro escrita numa página de livro. Também este foi importante. Eu me resignava a voltar às intrincâncias do direito com os melhores propósitos, abandonando para sempre as cadeias de carbono. Convenci-me da falta de pendor para a química até mesmo pela minha inabilidade manual. Como poderia tê-la, se continuava a fumar como um turco? (1)

Objeto declarado da narração é o último cigarro; clama-se pela importância deste mais do que pela importância da decisão de mudar de estudos. E assim dois conteúdos que, numa escala “normal” de valores (2), seriam hierarquizados, são colocados numa relação de coordenação. O narrador procede sereno e seguro neste seu relato até quando, pela forma interrogativa, introduz uma explicação dos fatos que parece situar-se num plano de avaliação imediatamente subseqüente à ação e que poderia, portanto, ser formulada por Zeno jovem.

Em seguida, esta explicação é como que posta em xeque por uma nova interpretação que Zeno avança no ato da narração:

Agora que estou a analisar-me, me assalta uma dúvida: não me teria apegado tanto ao cigarro para poder atribuir-lhe a culpa da minha incapacidade? Será que, deixando de fumar, eu conseguia de fato chegar ao homem forte e ideal que eu me supunha? Talvez tenha sido essa mesma

-- 20 --

dúvida que me escravizou ao vício, já que é bastante cômodo podermos acreditar em nossa grandeza latente. Avento essa hipótese para explicar minha fraqueza juvenil, embora sem convicção definida. Agora que sou velho e que ninguém exige nada de mim, passo com freqüência dos cigarros aos bons propósitos e destes novamente aos cigarros. Que significam hoje tais propósitos? Como aquele velho hipocondríaco, descrito por Goldoni, será que desejo morrer só depois de ter passado toda a vida doente? (3)

A inversão que ocorre nesta nova interpretação — não é o cigarro o responsável pela incapacidade, mas é a esta que se deve o vício — na realidade não modifica qualitativamente o plano de valores que se estabeleceu na narração anterior e que consiste no engrandecimento desproporcionado do detalhe. Zeno velho que continua fumando e fazendo propósitos de abandonar o vício, reclama pela identidade.

A importância do jogo dos planos narrativos na obra sveiana foi amplamente debatida entre os críticos. Marziano Guglielminetti, reconhecendo que para Svevo a exigência de um plano de juízo, de avaliação dos fatos é o elemento fundamental da organização de sua narrativa, examina sua manifestação peculiar neste último romance: à diferença das obras anteriores, *A Consciência de Zeno*, que é narrada na primeira pessoa, teria precisado de “uma revisão sintática do próprio monólogo, para garantir-lhe, na nova situação, a capacidade de se abrir ao diálogo *in interiore homme* entre ator e autor” (4).

E o crítico observa que na experimentação sintática feita anteriormente Svevo teria encontrado estilemas suficientes para permitir-lhe, também através deste novo monólogo recitado na primeira pessoa, a criação do plano de juízo: o uso do condicional, as freqüentes

exclamações, as repetições, a súbita introdução do presente, marcariam o esforço anti-objetivo da narração sveviana, ao lado da preservação da possibilidade de diagnosticar os fatos.

Em contraposição a esta análise, Giuditta Rosowsky interpreta a presença dos elementos “anti-objetivantes” da narração sveviana como a manifestação da necessidade que o

-- 21 --

autor teria de dramatizar a narrativa e, no caso específico de *A Consciência de Zeno*, eliminar o filtro do julgamento:

Parece-me com efeito que aqui o emprego da primeira pessoa não se limita a repropor, de modo diferente, a distinção entre o nível do enunciado e o da enunciação, cujos respectivos sujeitos se encontram na pessoa de Zeno. Não se trata então simplesmente da exigência, muito viva em Svevo, de um ‘plano de juízo’ que lhe permita comentar ‘os momentos de desviação do comportamento normal’, e expressar a sua mensagem, que é a mesma de Freud, de que a doença é fenômeno geral, de que não existe a normalidade e sim o cultural-normativo.

O eu que fala está envolvido em uma relação analítica que atualiza o passado de Zeno de forma dramática. Tudo é reconduzido a este ato de locução de Zeno que pressupõe a presença de um interlocutor. Poder-se-ia até dizer que a inovação deste romance de Svevo não reside tanto no emprego da primeira pessoa, quanto na introdução do próprio ato de comunicação (5).

O nó da controvérsia entre Guglielminetti e a Rosowsky, que exemplifica o campo das discussões críticas sobre o assunto, resolve-se, a nosso ver, se considerarmos a presença da exigência de julgamento postulada pelos dois críticos, não no plano descobertamente subjetivo da narração, mas no plano de sua organização objetiva. E nesta transferência que se atua uma modificação essencial e não indiferente desta exigência axiológica.

O trabalho de auto-análise de Zeno velho, como testemunha o exemplo citado, e como ocorre constantemente em toda a narração, não marca uma distinção real de pontos de vista entre a consciência das coisas que Zeno possuía no momento da ação e a que possui no momento em que conta a sua vida. O ponto de vista superior à personagem não se concretiza mais, como ocorria nos outros romances de cunho mais tradicionalista, através da subjetividade de um narrador, mas é

-- 22 --

completamente interiorizado à própria narração, ao seu tecido e à sua constituição. Ele age na disposição da matéria, naquela sua disposição particular que provoca, a cada instante, o efeito irônico-humorístico, determinando, por isso mesmo, o efetivo comentário inerente aos fatos narrados e à qualidade da personagem.

Tratemos de explicitar essas afirmações. Sabemos que o princípio geral da ironia, seja ela sarcástica ou conciliadora, é a inversão: inversão verbal, da situação, das partes, da situação moral, que se pode apresentar segundo uma intensidade variável que vai desde a oposição até as formas as mais variadas de desvios fictícios (6). Já vimos como, neste primeiro capítulo, ao tratar da sua doença, Zeno privilegia um falso conteúdo, ou pelo menos um conteúdo irrelevante (o vício de fumar), realizando uma espécie de litotes que atenua o conteúdo real (a incapacidade de tomar decisões diante dos conteúdos mais sérios da vida). A partir desta inversão desenha-se toda a trama da história, pontilhada por outras tantas inversões:

– O médico, um dos muitos que encontramos neste relato, ao prognosticar a doença, parte de um princípio — a eficácia terapêutica da eletricidade — ao qual toda doença deveria se ajustar. A doença deveria se adaptar ao tratamento e não este a ela.

– Na ocasião do seu primeiro exame universitário importante, Zeno se adianta no

estudo da matéria, obtendo como resultado o insucesso naquele momento.

– A idade eliminaria, segundo o médico, os impulsos amorosos, em Zeno ficam fortalecidos.

– O amigo, que permanece firme no propósito de emagrecer, suscitando a inveja de Zeno, incapaz de qualquer firmeza, ganha com isso... um monte de pele.

– Na primeira aposta para deixar de fumar, feita com seu administrador Olivi, Zeno, vendo-se escravo de quem deveria ser seu subordinado, acaba fumando muito mais.

Tudo o que Zeno começa parece ter como desfecho o contrário da intenção pela qual a ação é iniciada. Assim, a decisão de se auto-aprisionar numa clínica para se libertar do vício de fumar quase tem como resultado a sua expulsão da

-- 23 --

mesma: “Estava acabando por ser posto para fora de minha prisão”.

Relação invertida de causa e efeito, exageração de um dos dois pólos — a causa desproporcionada ao efeito e vice-versa — e inversão dos papéis: são estes fundamentalmente os princípios aos quais se remetem as formas concretas de inversão que constituem o texto.

Não resta dúvida de que nestas inversões esteja presente o efetivo ponto de vista a partir do qual se organiza a matéria narrada. O juízo sobre a personagem não advém diretamente por um comentário explícito, mas faz-se por si próprio, por aquela mesma “instância” que realiza as inversões.

A inversão, como princípio formal da organização da matéria narrada, confirma-se em todas as situações vividas pelo protagonista. Sem pretender então exemplificá-la em todos os níveis em que aparece e que incluem os simples gestos, os mínimos atos quotidianos, as palavras pronunciadas ou apenas pensadas, será suficiente relevá-la ao nível macroscópico dos núcleos narrativos em que se divide o relato.

– Veja-se no capítulo IV, onde Zeno relata seu comportamento com o pai, o desfecho de um relacionamento que nunca brilhou pelo amor recíproco: no exato momento em que Zeno resolve seguir as instruções do médico, na extrema tentativa de dar ajuda a seu pai, este morre, dando no filho aquela bofetada memorável que Zeno interpreta como uma punição e que foi provocada justamente pela sua única ação desinteressada.

– Na história inesquecível do seu casamento, a decisão de casar precede a escolha da noiva e, sobretudo, como todos sabemos, Zeno acaba se casando exatamente com quem não queria.

– A amante lhe faz aumentar o amor pela esposa.

– Na história da sociedade comercial, em que a sociedade nasce antes do comércio, a única atividade econômica bem sucedida ocorre quando a sociedade não existe mais, devido à morte de um dos seus membros.

– E finalmente, no capítulo sobre a cura psicanalítica, Zeno “sara” ao deixar o tratamento.

-- 24 --

É um pouco ingrato esquematizar tão secamente as inversões macroscópicas que ocorrem nos vários capítulos, quando elas, na narração, se apresentam revestidas de todos aqueles sentimentos, observações, confissões e mil outras situações invertidas que constituem o organismo vivo que é o romance. Mas nesses esquemas repousam as leis deste organismo. Com efeito, a imagem geral que se cria da nossa personagem é a de um ser excêntrico, deslocado, que se move sempre desajeitadamente. E esta imagem é cuidadosa e obstinadamente confeccionada no processo de auto-análise que constitui a narração.

Já vimos a importância dada ao vício de fumar como vício capital que ocupa inteiramente a nossa personagem na luta para se libertar dele. E para definir mais claramente a natureza da doença valham as contraposições que o próprio Zeno estabelece entre si e as outras personagens: com o pai, por

exemplo, grande fumador e no entanto completamente sadio; ou com o sogro, homem de negócios bem sucedido, ativo e completamente sereno em sua perfeita ignorância. Mas é na contraposição com Augusta, sua mulher, que Zeno chega a formular uma verdadeira teoria sobre o assunto:

Compreendi definitivamente o que era a perfeita saúde humana quando percebi que o presente para ela era uma verdade tangível na qual ela podia se segredar e encontrar conforto. [...] Ela conhecia tudo o que era capaz de aborrecer-me; em se tratando dela, porém, essas coisas mudavam de aspecto. Se até a Terra girava, não era cabível que tivéssemos tonteiras! Pelo contrário! A Terra girava, e tudo o mais permanecia nos respectivos lugares. Essas coisas imóveis tinham importância imensa: o anel de casamento, todas as jóias e vestidos, o verde, o preto, o de passeio. [...]

Estou analisando a sua saúde, mas não consigo fazê-lo, pois me acode que, ao analisá-la, converto-a em doença. E ao escrever sobre ela, começo a duvidar sobre se aquela saúde não careceria de cura ou tratamento. Vivendo ao seu

-- 25 --

lado durante tantos anos, jamais me ocorreu esta dúvida (7).

A dúvida que Zeno expressa tão cautelosamente é na realidade o pressuposto de toda a narração. O tom de complacência consigo mesmo que se produz pelo humorismo das situações retira qualquer possibilidade de julgar seriamente a “doença” de Zeno. Ela contém, aliás, a possibilidade de entender o mundo são; é a excentricidade de Zeno que revela a excentricidade do mundo.

As personagens com saúde, ou melhor, a saúde, é submetida às mesmas leis excêntricas que Zeno reclama para si: o sólido mundo do trabalho que o administrador Olivi representa é tão são que se torna irrelevante diante dos grandes jogos especulativos que a guerra só aguça, mas que os jogos da Bolsa já revelam como a nova forma “excêntrica” de lucro. Ada, imagem da saúde e da seriedade, é acometida por uma doença que a transfigura; Guido, o cunhado brilhante que tudo possui para se tornar bem sucedido, acaba não desfrutando nada do que tem, morrendo ainda por cima por um auto-engano...

A diversidade que Zeno ciosamente cuida de preservar é mais aparente do que real: ele e o mundo subjazem às mesmas leis excêntricas que fazem das pessoas joguetes incapazes de defesa, inermes. A diversidade entre Zeno e as outras personagens reside no fato de estas se moverem como se fossem sãs num mundo são, enquanto Zeno proclama a doença. Do reconhecimento da doença toma forma toda a narração, que se apresenta, ao nível da história, como busca perene de saúde, como “história da vida e das curas de Zeno” (8).

Mas sendo a saúde inalcançável, os propósitos de ação que levaram a ela se repetem invariavelmente. Há uma fratura entre propósito e ação, que nunca se conciliam, e o propósito se cristaliza assim numa fórmula vazia e irrisória. Zeno comporta-se como se esta conciliação pudesse se verificar sempre, e suas resoluções, formuladas com obstinação, são ridicularizadas rias ações que acabam tendo o êxito oposto à intenção. Devido a esta irresolução entre ação e intenção e às tentativas contínuas de conciliá-las, o romance se torna, como já observou Palumbo, “uma máquina de paradoxos em sucessão ver-

-- 26 --

tiginosa, em cujo funcionamento o que segue inverte sistematicamente o que vem antes (9).

A repetida renovação dos propósitos revela também a incapacidade de Zeno de crescer com os acontecimentos, de modificar substancialmente sua atitude frente à realidade. Como diz Palumbo, “os muitos fatos que se acumulam na vida de Zeno são mantidos em sua heterogeneidade e incomensurabilidade em relação a qualquer projeto teleológico. A relação entre a parte e o todo foge a qualquer sutura” (10).

Remete-se a esta nova visão da realidade a nova disposição temporal do romance que,

como já observamos, prescinde da descrição homogênea de uma fase da vida; o tempo não pode mais ser representado como direção unívoca, linear, porque ele já não pode conferir unidade à segmentação dos acontecimentos. Como o próprio Zeno deixa entender, sua possível visualização não se obteria pela linha reta e sim por um círculo: "o tempo para mim não é essa coisa insensata que nunca pára. Para mim, só para mim ele retorna" (11).

O tempo que volta, que se repete, é o desmentido de qualquer possibilidade real de transformação da personagem; em outras palavras, o tempo de Zeno velho que escreve não é, nem deixa entrever, um tempo novo que lhe permita, como Zeno humoristicamente comenta, "morrer são, depois de ter passado toda a vida doente."

A impossibilidade do advento deste tempo novo liga-se a ironização que Zeno efetua exatamente com relação ao objeto que originou seu relato, o tratamento psicanalítico. A crítica à psicanálise num texto que parece moldado sobre seus procedimentos é mais um paradoxo de que se reveste a indagação crítica de Svevo neste romance.

A irrisão explícita do método psicanalítico dirige-se contra a pretensão que ele manifesta de diagnosticar, na pessoa de seu representante que é o Doutor S., a doença nos limites estreitos de alguns princípios: primeira infância como tempo privilegiado da criação dos traumas, complexo de Edipo, etc...

A ironia de Svevo diante da redução que a psicanálise efetuaria no reconhecimento da doença advém fundamentalmente da aceitação de uma mais espessa determinação social da doença. Assim como em *Senilidade* e em *Uma vida*, também nesta obra aparece explicitamente a referência à razão social

-- 27 --

dos "distúrbios do protagonista". Neste último romance, a explicitação dá-se através dos caminhos tortuosos que a consciência de Zeno percorre seguindo as regras invertidas do seu procedimento.

Com efeito, as razões deixadas em segundo plano revelam a presença de um mecanismo de classe que age indefectivelmente nas escolhas desta personagem, em todas as suas situações. Considere-se, por exemplo, o comentário de Zeno aos efeitos que a morte do pai lhe causaram:

Já a morte de meu pai foi uma grande e verdadeira catástrofe. O paraíso deixou de existir e eu, aos trinta anos, era um homem desiludido. Morto também! Ocorre-me pela primeira vez que a parte mais importante e decisiva da minha vida ficava irremediavelmente para trás. Minha dor não era exclusivamente egoísta, como se poderia apreender destas palavras. Ao contrário! Chora-va por ele e por mim apenas porque ele havia morrido (12).

A "verdade" que os sofismas de Zeno encerram e masca-ram aparece por acaso quando lembra:

Até sua morte, nunca vivi para meu pai. Nunca fiz nenhum esforço para aproximar-me dele e, quando podia fazer isso sem ofendê-lo, até me afastava dele. Na universidade todos o conheciam pelo a?elido que eu lhe dava: *o velho Silva Mão-Aberta* (13).

Não é o caso de continuar dando exemplos, uma vez que a determinação social dos atos de Zeno faz-se presente sempre, ao ponto de se explicitar, no final, na intervenção apocalíptica do narrador que aproxima decididamente "parasitas" e "doentes":

Talvez por meio de uma catástrofe inaudita, provocada pelos artefatos, havemos de retornar à saúde. Quando os gases venenosos já não basta-rem, um homem feito como todos os outros, no

-- 28 --

segredo de uma câmara qualquer neste mundo, inventará um explosivo incomparável,

diante do qual os explosivos de hoje serão considerados brincadeiras inócuas. E um outro homem, também feito da mesma forma que os outros, mas um pouco mais insano que os demais, roubará esse explosivo e penetrará até o centro da Terra para pô-lo no ponto em que seu efeito possa ser o máximo. Haverá uma explosão enorme que ninguém ouvirá, e a Terra, retornando à sua forma original de nebulosa, errará pelos céus, livre dos parasitas e das enfermidades (14).

Como ocorre com os outros romances svevianos encontra-se no final a mensagem direta do autor que pretende sugerir o sentido da obra e que interpreta seu próprio caminho percorrido no ato da escritura. E como em *Senilidade*, o final se apresenta com uma mudança repentina de tom narrativo, como inclusão do percurso narrativo na dimensão presentificada do ato de escrever.

Desta vez contudo, a conclusão do romance constitui um enigma, não com relação ao seu conteúdo, mas quanto à sua capacidade para significar a totalidade das dimensões contidas neste texto. Tratemos de explicitar isso.

Zeno, que se declara curado no momento em que, devido ao sucesso comercial, se insere ativamente no mundo do comércio e não tem mais tempo de se auto-analisar, realiza sua extrema inversão irônica. Sobre a sanidade deste mundo, o leitor, até o mais desprevenido, já pode nutrir suas dúvidas, assim como sobre a capacidade de Zeno para inserir-se nele ativamente. O "otimismo" de Zeno, neste final ou também em outros momentos do romance em que faz questão de sublinhar que suas vicissitudes tiveram sempre bons êxitos inesperados, (o casamento feliz, apesar da escolha involuntária; ele, doente imaginário, vê morrer muitos amigos cheios de saúde, etc.) não deixa de ser, como em todas as suas auto-análises, sofístico. É G. Debenèdetti que usa este termo e assim o justifica:

E no entanto o otimismo de Zeno resulta sempre sofístico. Exatamente quando parece concluir

-- 29 --

que afinal de contas ele, o doente imaginário, é mais sâo do que tantos sâos; ele, o anormal imaginário, é mais normal do que todos os supostos homens normais — exatamente nesse momento, atrás da conclusão aparente, se insinua a verdadeira [...]: isto é, que a vida sempre foi pousar onde ele não tinha previsto, onde seus cálculos e seus planos não esperavam. O tom de Zeno decorre exatamente deste otimismo que, embora se reconheça sofístico, se mantém contudo benévolos (15).

Nestas observações de Debenedetti reside, a nosso ver, o problema central da interpretação desta obra. Se a "constatação do caos no final de cada aventura é a única coisa realmente regular da história de Zeno" (16), de onde lhe advém a capacidade de sorrir de si mesmo, como se justifica o desdobramento humorístico da ironia neste romance?

A perspectiva final do romance, que parece eliminar qual-quer possibilidade, até mesmo utópica, de um mundo sâo, em que os atos não sejam mais decorrentes de um mecanismo social que produz parasitas e a consciência não seja mais sofística, como se pode identificar com um ponto de vista superior do qual compreender o texto, toda a espessura contraditória de suas significações? Por que, em outras palavras, o autor, apesar de negar explicitamente qualquer perspectiva utópica, consegue rir da sua personagem, fazer com que ela ria de si mesma e nós dela, realizando aquele distanciamento objetivante com relação à sua personagem que acabou sendo a característica curiosa deste romance escrito na primeira pessoa?

A instância ética que organiza a matéria da narração e que, além da crítica mais consequente ao mundo burguês a que Svevo chegou em seu percurso poético, se manifesta como atitude "brincalhona" diante da vida, se encontra explicitada numa definição casual, devida aparentemente a uma associação de palavras, que Zeno formula sobre a vida. Em resposta a Guido que, num momento de grande desalento, definiu a vida como "injusta e dura", Zeno retruca que a vida não é nem boa nem má, é original. E assim comenta sua descoberta:

-- 30 --

— Original, a vida? — disse Guido, a rir-se, — Onde leu isto?

Não me dei ao trabalho de assegurar-lhe que não o havia lido em parte alguma porque as minhas palavras haveriam de ter menos importância para ele. Contudo, quanto mais pensava nela, mais achava a vida original. E não era necessário que viessem os de fora para considerá-la construída de uma forma tão bizarra. Bastava recordar tudo aquilo que nós, homens, esperá-mos da vida para a acharmos tão estranha, a ponto de concluirmos que talvez o homem tenha sido posto nela por engano e que de fato não pertença a ela (17).

Nesta descoberta de Zeno e na nova perspectiva que ela oferece ao entendimento da vida, parece resumir-se o ponto de vista real que preside à formação deste romance. A ausência de um ponto de vista superior a partir do qual compreender ou julgar os fatos e, ao mesmo tempo, o interesse sempre renovado em representá-los revela uma nova aceitação da existência e de seus males, que nenhum futuro poderá resgatar. E o próprio presente o campo em que a pena de viver se impregna de suas obscuras mas necessárias significações.

A vida destituída de qualquer sentido é reafirmada em seu valor intrínseco através de uma operação que, como por um ato de extrema decisão (18), põe um sinal de igualdade entre a casualidade da existência e a sua necessidade. E como se Zeno tivesse abandonado a idéia de uma saúde passível de ser alcançada num futuro cuja dimensão, como ele afirmará mais explicitamente num escrito posterior (19), está-se subtraindo às suas considerações.

Após a experiência trágica da I Guerra Mundial e a observação do aprofundamento doloroso das contradições da existência numa sociedade capitalisticamente mais aguerrida, as utopias que forneciam apoio e apontavam caminhos parecem não ter resistido. O Socialismo dos anos Noventa, como já observou L. De Castris (20), é para Svevo, como para muitos intelectuais que viveram utopicamente as expectativas de transformação social, no máximo um remorso, um senso de

-- 31 --

culpa, tendo perdido totalmente a sua capacidade de dar um sentido à devastação que o tempo criou.

Assim a aceitação desta devastação não decorre de uma perspectiva racional que, investigando as leis desta vida, sua espessura contraditória e suas opacidades, vislumbre uma superação. Em Svevo, o reconhecimento de "objetividade" necessária da vida, que é possível em momentos privilegiados, fugazes da vida, é a condição para sua aceitação. Como naquele dia de primavera assinalado no diário com a data de 15 de maio de 1915, em que Zeno, na véspera do seu encontro inesperado com a guerra, escreve:

Fazia um tempo esquisito. Certamente no alto soprava um vento forte, pois as nuvens mudavam continuamente de forma, mas embaixo o ar não se movia. Ocorria, de tempos em tempos, através das nuvens em movimento, o sol já tépido encontrar uma fresta por onde assestava seus raios sobre este ou aquele trecho da colina, ou sobre o cimo da montanha, fazendo ressaltar o doce verde de maio em meio à sombra que cobria toda a paisagem. A temperatura era agradável, e até aquela fuga das nuvens no céu tinha qualquer coisa de primaveril. Não havia dúvida: o tempo estava convalescendo!

Foi um verdadeiro recolhimento o meu, um dos raros instantes que a vida avara nos concede, de grande e verdadeira objetividade em que finalmente cessamos de nos crer e de nos sentir vítimas. Em meio àquele verde, ressaltado tão deliciosamente pelos reflexos do sol, eu soube sorrir à vida e até à minha doença (21).

## Notas

- (1) I. Svevo, *A Consciência de Zeno*, tradução de Ivo Barroso, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 15.
- (2) Quanto à importância de um conteúdo "axiologizado" para que o enunciado possa criar,

em sua inversão, o efeito irônico, veja-se "L'ironie comme trope" de Catherine Kerbrat-Orecchioni, in *Poétique*, n° 41, fev. 1980, p. 121.

-- 32 --

- (3) L Svevo, *A Consciência de Zeno*, cit., p. 16.
- (4) M. Guglielminetti, *Struttura e sintassi del romanzo italiano del primo Novecento*, Milano, Silva, 1964, p. 144.
- (5) G. Rosowsky, "Theorie et pratique psycanalitique dans l'oeuvre d'Italo Svevo", in *Revue des études italiennes*, I, 1970, p. 70.
- (6) Morier, *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1975, p. 571.
- (7) I. Svevo, *A Consciência de Zeno*, cit., p. 148.
- (8) I. Svevo, "Profilo autobiografico", in *Racconti, Saggi, Pagine sparse*, Milano, Dall'Oglio, 1968.
- (9) M. Palumbo, in F.P. Botti, G. Mazzacurati, M. Palumbo, *II secondo Svevo*, Napoli, Liguori, 1982.
- (10) Idem, p. 108.
- (11) L Svevo, *A Consciência de Zeno*, cit., p. 17.
- (12) Idem, p. 33.
- (13) Idem, p. 34.
- (14) Idem, p. 403.
- (15) G. Debenedetti, *Saggi critici*, Serie, Milano, Il Saggiatore, 1971, p. 241.
- (16) Idem, p. 241.
- (17) I. Svevo, *A Consciência de Zeno*, cit., p. 306.
- (18) M. Palumbo reconhece que para a impostação teórica de *A consciência de Zeno*, o encontro com F. Nietzsche foi decisivo e cita estas afirmações do filósofo: "A confiança na vida extinguiu-se: é a própria vida que se tornou problema. Não se deve pensar que por isso seja necessário que nós nos transformemos em pessoas tétricas! O amor à vida ainda é possível, só que se ama de maneira diferente". (In *La gaia coscienza e Frammenti postumi*, 1881-82, Milano, Adelphi, 1965, v.IV, p. 18).
- (19) "Continuo a agitar-me entre o presente e o passado, mas pelo menos entre os dois não chega a intrometer-se a esperança, a ansiosa esperança no futuro", são as confissões de Zeno que reaparece mais velho no último romance de Svevo, inacabado. ("Il Vecchione", in *Il buon vecchio e la bella fanciulla e altri racconti*, Milano, Dall'Oglio, 1975, p. 192).
- (20) Esta questão é tratada por A.L. De Castris em *II Decadentismo Italiano: Pirandello, Svevo, D'Annunzio*. Bari, De Donato, 1974.
- (21) I. Svevo, *A Consciência de Zeno*, cit., p. 386.